

Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem no Contexto Escolar: Considerações a partir da Prática Pedagógica

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2024.22.1.9110>

Caroline de Santana Garcia¹, Elisa Tomoe Moriya Schlünzen², Klaus Schlünzen Junior³

Resumo: O paradigma educacional brasileiro tem passado por importantes reconfigurações, uma vez que a sociedade contemporânea tenta direcionar suas ações ao ideal de superação de desigualdades e desenvolvimento pleno do ser humano e, nesse processo, os profissionais da escola tornam-se importantes agentes de transformações, sendo diretamente responsáveis pela formação e o desenvolvimento integral dos estudantes, bem como de sua aprendizagem conceitual e para a vida. Nesse contexto, a inclusão de alunos com Transtornos de Aprendizagem (TA) ou Dificuldades de Aprendizagem (DA) nas salas de aula comum do ensino regular, têm desafiado as escolas e os profissionais que nela atuam a reconstruírem e ressignificarem cotidianamente suas práticas frente os princípios de uma educação inclusiva e de qualidade para todos. O presente artigo se caracteriza como um recorte de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, e tem como objetivo discutir a realidade escolar de estudantes com Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem, em termos da atuação docente e das situações de aprendizagem, de modo a tecer compreensões acerca das possibilidades de aperfeiçoamento do processo educacional na perspectiva da educação inclusiva. Assim, a abordagem metodológica utilizada na pesquisa foi de natureza qualitativa, e fez-se uso das dinâmicas de investigação presentes no grupo focal. Os resultados da pesquisa, apontam, que, as escolas, e as universidades, necessitam promover espaços de formação que ofereçam aos professores as condições necessárias para que consigam desenvolver práticas pedagógicas que superem as dificuldades, valorizem as especificidades e estimulem as potencialidades dos estudantes, sobretudo daqueles que se encontram abaixo das expectativas de aprendizagem esperadas, na perspectiva da educação inclusiva.

Palavras-chaves: Práticas pedagógicas, Transtornos de aprendizagem, Dificuldades de aprendizagem.

Learning Disorders and Difficulties in the School Context: Considerations from Pedagogical Practice

Abstract: The Brazilian educational paradigm has undergone important reconfigurations, as contemporary society tries to direct its actions towards the ideal of overcoming inequalities and full development of the human being and, in this process, school professionals become important agents of transformation, being directly responsible for the training and integral development of students, as well as their conceptual and life learning. In this context, the inclusion of students with Learning Disorders (LD) or Learning Difficulties (LD) in common regular education classrooms has challenged schools and the professionals who work there to reconstruct and re-signify their practices on a daily basis in light of the principles of inclusive and quality education for all. This article is characterized as an excerpt from a master's degree research developed in the Postgraduate Program in Education, at Universidade

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, E-mail: carolaine.garcia@unesp.br

² Livre-docente em Formação de Professores para uma Escola Digital e Inclusiva, Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) e da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, E-mail: elisa.tomoe@unesp.br

³ Professor titular do Departamento de Estatística, Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, E-mail: klaus.junior@unesp.br.

Estadual Paulista (Unesp), Faculty of Sciences and Technology, Presidente Prudente, and aims to discuss the school reality of students with Learning Disorders and Difficulties, in terms of teaching performance and learning situations, in order to understand the possibilities of improving the educational process from the perspective of inclusive education. Thus, the methodological approach used in the research was qualitative in nature, and the research dynamics present in the focus group were used. The research results indicate that schools and universities need to promote training spaces that offer teachers the necessary conditions so that they can develop pedagogical practices that overcome difficulties, value specificities and stimulate students' potential, especially those who are below expected learning expectations, from the perspective of inclusive education.

Keywords: Pedagogical practices, Learning disorders, Learning difficulties.

Introdução

O paradigma educacional brasileiro tem passado por importantes reconfigurações, uma vez que a sociedade contemporânea tenta direcionar suas ações ao ideal de superação de desigualdades e desenvolvimento pleno do ser humano e, nesse processo, os profissionais da escola tornam-se importantes agentes de transformações, sendo diretamente responsáveis pela formação e o desenvolvimento integral dos estudantes, bem como de sua aprendizagem conceitual e para a vida.

Concomitante a isso, o número de estudantes que apresentam durante o processo de escolarização algum tipo de transtorno ou dificuldade de aprendizagem cresceu de forma exponencial. Ao nos referirmos aos Transtornos de Aprendizagem (TA) ou Transtornos Específicos da Aprendizagem (TEAp) podemos defini-los como um conjunto de dificuldades específicas de origem biológica que influenciam a aprendizagem e o processamento de informações, como a dislexia, disgrafia, discalculia, dentre outros.

Já as Dificuldades de Aprendizagem (DA) podem ser definidas como um conjunto de dificuldades momentâneas que dificultam a aprendizagem, e podem ser causadas por fatores emocionais, familiares, ambientais, pedagógicos, dentre outros.

Nesse contexto, a inclusão de alunos com Transtornos de Aprendizagem (TA) ou Dificuldades de Aprendizagem (DA) nas salas de aula comum do ensino regular, têm desafiado as escolas e os profissionais que nela atuam a reconstruírem e ressignificarem cotidianamente suas práticas frente os princípios de uma educação inclusiva e de qualidade para todos.

O presente artigo se caracteriza como um recorte de uma pesquisa de mestrado em Educação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente (Garcia, 2022), e tem como objetivo discutir a realidade escolar de estudantes com Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem, em termos da atuação docente e das situações de aprendizagem,

de modo a tecer compreensões acerca das possibilidades de aperfeiçoamento do processo educacional na perspectiva da educação inclusiva.

Fundamentação teórica

A consolidação de uma escola inclusiva, que aceite e valorize as diferenças, e que busque por meio das suas práticas ofertar um ensino de qualidade para todos se constitui como um grande desafio em nosso cenário educacional brasileiro.

No âmbito escolar, a inclusão dos estudantes com deficiência ou transtornos e dificuldades de aprendizagem no ensino comum trazem aos docentes e à escola diferentes desafios, pois requer uma transformação desse espaço para receber e atuar com eles, favorecendo-lhes a aprendizagem.

Concomitante a isso, um grande número de estudantes apresenta algum tipo de dificuldade de aprendizagem, principalmente, durante o processo de alfabetização, nos primeiros anos de escolarização formal.

De acordo com a Pesquisa por Amostra de Domicílios (PNAD), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022, o Brasil tem pelo menos 9,6 milhões de pessoas com mais de 15 anos analfabetas, o que corresponde a 5,6% da população.

Ao definirmos os transtornos de aprendizagem ou transtornos específicos de aprendizagem, ainda hoje abordado na literatura como distúrbios de aprendizagem, nos referimos a um fenômeno de origem neurobiológica, que afeta o processamento de informações, e conseqüente, a aprendizagem, como por exemplo, a dislexia ou discalculia (APA, 2014).

Já ao definirmos as dificuldades de aprendizagem, nos referimos a uma condição momentânea, que ocorre quando influências externas interferem no processo de aprendizagem, e, portanto, são enfrentadas como uma questão pedagógica e não de origem neurobiológica.

Assim, as dificuldades de aprendizagem englobam uma diversidade de transtornos, cujo os tipos mais comuns se manifestam por meio de dificuldades em leitura, escrita, matemática e raciocínio lógico.

No campo das políticas de educação, a educação inclusiva assume papel de destaque no debate sobre a importância da ação da escola em traduzir para suas práticas a superação da lógica da exclusão, sendo assim “a perspectiva de se formar uma nova geração dentro de um projeto educacional inclusivo é fruto do exercício diário da cooperação e da fraternidade, do reconhecimento e do valor das diferenças”. (Mantoan, 2006, p. 9).

Diante disso, Mantoan (2006, p. 12) ressalta que “um novo paradigma do conhecimento está surgindo das interfaces e das novas conexões que se formam entre saberes outrora isolados e partidos e dos encontros da subjetividade humana com o cotidiano, o social e o cultural.”

Glat e Blanco (2007) apud Lima (2017) evidenciam que o movimento em prol da educação inclusiva se intensifica a partir da década de 1990, a partir do reconhecimento de que as instituições que atuam com base nessa perspectiva se configuram como os meios mais capazes de combater atitudes discriminatórias, pois reconhecem as diferenças e singularidades dos estudantes.

Embora a legislação assegure a inclusão dos estudantes com deficiência nas classes comuns para o ensino regular, com o apoio do serviço de atendimento educacional especializado, o maior desafio está na mudança de atitudes e mentalidade em relação a inclusão. Mantoan (2004, p. 40) alerta que “[...] os argumentos pelos quais a escola tradicional resiste à inclusão [...] refletem a sua incapacidade de atuar diante da complexidade, diversidade e variedade, do que é real nos seres e nos grupos humanos”.

Deste modo, a construção de práticas educacionais inclusivas ainda se configura como um dos grandes desafios inerentes ao cenário educacional brasileiro. Conforme Mantoan (2004, p. 39) “a inclusão é produto de uma educação plural, democrática e transgressora”, assim, a Educação Inclusiva pressupõe o desenvolvimento de práticas de ensino e aprendizagem para todos, a partir do respeito às especificidades e as diferenças de cada um.

Nesse contexto, a educação inclusiva tem desafiado as escolas e os profissionais que nela atuam, a reconstruírem e ressignificarem suas práticas frente aos princípios de uma educação inclusiva, pois, ao consideramos que as escolas, públicas ou privadas, são espaços destinados à educação de todos, é necessário que os sistemas de ensino assegurem igualdade em condições de acesso, permanência e participação que promovam a aprendizagem de todos os estudantes.

Metodologia

Com o intuito de analisarmos o processo de inclusão escolar de estudantes com Transtornos ou Dificuldades de Aprendizagem no ensino regular, o desenvolvimento metodológico da pesquisa foi de natureza qualitativa, pois está proposta metodológica nos permitiu refletir sobre os diversos aspectos educacionais que envolvem os sujeitos que participaram da pesquisa, de modo que fosse possível descrever os fenômenos estudados, estabelecer relações e construirmos nossas próprias hipóteses interpretativas.

Richardson (1999, p.80) evidencia que os dados na pesquisa qualitativa “[...] podem descrever a complexibilidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos e possibilitar, em maior profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos”.

Dessa forma, segundo Strauss (2008, p. 23), quando nos referimos a pesquisa qualitativa podemos caracterizá-la como,

Qualquer tipo de pesquisa que produza resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação. Pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos, e também à pesquisa sobre funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais e interação entre nações.

Para tanto, associado a abordagem qualitativa, este estudo explorou as dinâmicas de investigação presentes no grupo focal, que segundo Gatti (2005 apud Powell e Single, 1996, p. 449), “é um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal”.

Diante dessas premissas, ao utilizarmos o grupo focal, enquanto técnica para a construção dos dados, privilegiamos a interação e o diálogo na pesquisa, de modo que os participantes pudessem explicitar os seus sentimentos, ideias, pontos de vista e experiências em relação à temática que orienta este estudo.

Deste modo, a pesquisa desenvolvida em uma escola pública localizada no município de Presidente Prudente, no estado de São Paulo, ocorreu em conjunto com docentes que atuam na sala de aula comum do ensino regular, Demo (1998, p. 2) nos esclarece que, “[...] educar pela pesquisa tem como condição essencial primeira que o profissional da educação seja pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como princípio científico e educativo e a tenha como atitude cotidiana [...]”.

Assim, os dados obtidos por meio do grupo focal, foram analisados com o intuito de elucidarmos a problemática deste estudo, e contribuirmos com a realidade investigada, indicando novas possibilidades para a superação das dificuldades de aprendizagem no processo educacional, na perspectiva da educação inclusiva.

Cabe esclarecer que, a pesquisa teve autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 67756617.0.0000.5402.

Resultados e Discussão

Para a realização da primeira etapa da pesquisa, realizamos um estudo de caráter bibliográfico e documental. Inicialmente, como procedimento foi realizada uma revisão da produção científica no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior da CAPES, no Portal de Periódicos da CAPES, no Google Acadêmico e na Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), sobre inclusão escolar, estratégias pedagógicas, transtornos de aprendizagem e dificuldades de aprendizagem; de modo a conhecermos e levantarmos as contribuições científicas relacionadas a esses temas, assim como dados que trazem definições coerentes com a prática.

De acordo com Gil (2002, p.44), “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Dessa forma, além de realizarmos o levantamento dos principais estudos sobre a temática, tais materiais foram lidos, fichados, analisados, interpretados e serviram de subsídio para a fundamentação teórica do estudo.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando descritores, combinados entre si pelo operador booleano *AND*, a saber, (Estratégias *AND* Transtornos de Aprendizagem *AND* Dificuldades de Aprendizagem).

Assim, a seguir, o Quadro 1 apresenta as pesquisas cujas temáticas encontram-se relacionadas de forma direta ou indireta à Inclusão Escolar e Estratégias em Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem. A pesquisa bibliográfica realizada, se constituiu de: Rego (2017), Rosal (2018), Pini (2019), Santos (2019), Yamaura (2019), Medda (2020).

Quadro 1: Estado de Conhecimento: Inclusão Escolar e Estratégias em Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem.

Autor/Ano/Nível/Título	Objetivo	Resultados
REGO (2017) Mestrado Título: Medicalização da vida escolar: cartografia de práticas implicadas na produção do fracasso	Analisar o cotidiano e o espaço escolar como locus de produção do fracasso, discutindo como as práticas medicalizantes e o discurso do especialista atravessam o cotidiano de uma escola privada da cidade de Parnaíba-PI.	A partir dessas estratégias e ferramentas, foram evidenciadas questões que serviram como analisadores dos processos de produção do fracasso e medicalização da vida escolar. Essa produção se mostrou atravessada por múltiplos vetores como: práticas pedagógicas, condições de trabalho docente, contexto social e familiar das crianças e a presença do especialista e discurso médico psicológico no espaço

<p>escolar e do "aluno-problema"</p>		<p>escolar. Apesar disso, também se rastrearam discursos e práticas, ainda tímidos, que escapavam àqueles instituídos, abrindo passagem para que devires e singularizações pudessem se expressar e ocorrer.</p>
<p>ROSAL (2018) Doutorado Título: Modelo de resposta à intervenção para a identificação precoce dos transtornos de aprendizagem em escolares no ciclo de alfabetização</p>	<p>Analisar a efetividade do modelo de resposta à intervenção para a identificação precoce dos transtornos de aprendizagem em escolares no ciclo de alfabetização.</p>	<p>Os resultados da fase I revelaram que o instrumento de avaliação não foi sensível para identificar as crianças em risco para os transtornos de aprendizagem, uma vez que os participantes obtiveram baixo rendimento nos testes, sendo adotado o critério de indicação das professoras daquelas crianças com maiores dificuldades de aprendizagem para compor o grupo que foi submetido à segunda intervenção. Os resultados da fase II foram averiguados por meio da análise de conteúdo da fala das professoras sobre as intervenções realizadas em sala de aula. Tal análise possibilitou a identificação de três categorias temáticas: 1. Desafios do ciclo de alfabetização; 2. Estratégias facilitadoras da aprendizagem da leitura e escrita; e 3. Contribuições da intervenção para o processo de alfabetização. Após a intervenção, todos os grupos foram reavaliados e os resultados foram comparados. Foi verificada diferença significativa apenas em habilidades mais gerais, como escrita do alfabeto e cópia de formas. Na fase III, os resultados do pequeno grupo revelaram avanços em habilidades relacionadas à consciência fonológica e ao processamento fonológico.</p>
<p>PINI (2019) Mestrado Título: <i>Dislexia e a formação de docentes: elaboração de um curso à distância para professores do ensino regular</i></p>	<p>Elaborar e avaliar um curso online de capacitação e educação continuada na modalidade de Educação a Distância (EAD) sobre Dislexia para professores do Ensino Fundamental.</p>	<p>A elaboração do curso voltado a dislexia cumpriu os objetivos propostos no estudo, contribuindo de forma relevante e adequada para a formação continuada de professores atuantes no ensino regular como uma estratégia tecnológica, efetiva e consistente para a complementação do aprendizado dos educadores.</p>
<p>SANTOS</p>	<p>Investigar a caracterização do bullying</p>	<p>A partir dos resultados obtidos em torno desta pesquisa, possibilitou-se ampliar os estudos no</p>

<p>(2019)</p> <p>Mestrado</p> <p>Título: <i>Bullying</i> e dislexia: um estudo a partir do preconceito nas escolas públicas</p>	<p>nas escolas da Grande Aracaju e sua ocorrência contra estudantes considerados em situação de inclusão, em específico, naqueles que convivem com o quadro de dislexia.</p>	<p>campo do preconceito, bullying, dislexia e educação inclusiva. Identificou-se que as escolas carecem de um maior cuidado com as práticas de violência entre seus estudantes, principalmente contra aqueles considerados em situação de inclusão. Assim como, constatou-se pouco conhecimento por parte dos educadores sobre as necessidades dos discentes com alguma necessidade educacional especial.</p>
<p>YAMAURA</p> <p>(2019)</p> <p>Mestrado</p> <p>Título: Ensino de leitura via CRMTS para crianças com dislexia e com risco de dislexia</p>	<p>Avaliar os efeitos do uso de tarefas de construção de palavras com oralização fluente e escandida sobre a leitura de palavras de ensino e a leitura recombinativa de crianças com dislexia.</p>	<p>Todos os participantes que foram submetidos a todo o procedimento demonstraram repertório de leitura textual e de leitura com compreensão das palavras ensinadas diretamente. Além disso, todos ampliaram o repertório de leitura de palavras com sílabas e letras recombinadas, demonstrando que o controle de estímulos estabelecido no treino foi eficiente para produzir leitura generalizada.</p>
<p>MEDDA</p> <p>(2020)</p> <p>Mestrado</p> <p>Título: Resposta à Intervenção como Estratégia Diagnóstica para Dislexia</p>	<p>Desenvolver e aplicar um processo diagnóstico para dislexia baseado no modelo de resposta à intervenção, para crianças no Ensino Fundamental I.</p>	<p>Ocorreram mudanças estatisticamente significativas nas funções de consciência fonológica; nomeação automática rápida; taxa de acertos, de erros, e tipologia de erros na leitura e escrita de palavras e pseudopalavras; velocidade de leitura de texto narrativo e expositivo; e compreensão de texto narrativo. Dentre essas funções, as que se mostraram com maior efeito de diferenciação dos grupos foram consciência fonológica; velocidade de leitura de texto expositivo; taxa e tipos de erros em leitura e em escrita; todas com menos ganhos na pós intervenção para o grupo dislexia.</p>

Fonte: desenvolvido pela pesquisadora. Org.: GARCIA, 2022.

Ante o exposto pelo Quadro 1, podemos considerar que embora as pesquisas que compõem o estado de conhecimento deste estudo, abordassem de forma direta ou indiretamente a temática dos transtornos e das dificuldades de aprendizagem, ainda existe uma carência de estudos que apontem como é possível ao professor da sala comum, construir práticas

pedagógicas efetivamente inclusivas, que valorizem as especificidades e as potencialidades dos estudantes que se encontram abaixo das expectativas de aprendizagem esperadas.

Para a realização da segunda etapa, realizamos a aplicação de um questionário online, utilizando o *Google Forms*, com os docentes da escola. Segundo Gil (1999, p.128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. O questionário em questão foi composto por questões fechadas e abertas, e tiveram como objetivo levantar dados pessoais, de formação acadêmica e atuação profissional dos docentes e foi respondido por um total de 10 (dez) docentes.

Após a aplicação do questionário, e de posse dos dados obtidos, entramos em contato com os docentes que participaram inicialmente da pesquisa, respondendo ao questionário, convidando-os a participarem dos grupos focais. Ao todo 3 (três) docentes se dispuseram a participar da segunda etapa da pesquisa, que ocorreu de forma *online*, utilizando o *Google Meet*.

Para a realização deste estudo, as ferramentas de colaboração *online*, trouxeram inúmeras contribuições. Inicialmente, considerando a suspensão das atividades presenciais em decorrência da pandemia causada pela Covid-19, nos possibilitaram realizar um primeiro contato com os docentes, por meio dos questionários, e em seguida, por meio dos grupos focais *online*, proporcionando para a pesquisa, uma maior flexibilidade considerando fatores como, tempo, espaço, recursos e estímulos para que os professores pudessem de fato desenvolver sua dimensão de pesquisador, diante de cargas horárias e demandas de trabalho excessivas.

A análise dos dados obtidos por meio dos grupos focais, buscaram dar significado ao entendimento que os professores tinham sobre os transtornos e dificuldades de aprendizagem, e suas práticas pedagógicas diante dessas dificuldades em sala de aula. Assim, a partir do discurso dos professores, foi possível compreendermos que, mesmo não se sentindo totalmente preparados para trabalharem com as diferentes dificuldades de aprendizagem apresentadas por seus alunos, de modo geral, todos os seus professores, descreveram estratégias pedagógicas facilitadoras que foram utilizadas no dia a dia em sala de aula para superar às dificuldades encontradas no processo de ensino e aprendizagem. Os trechos a seguir, apresentam o relato de alguns professores, denominados de P1, P2 e P3, sobre as estratégias utilizadas.

P1: A aluna B. tem muita dificuldade em compreender os conteúdos que eu tenho trabalhado... no começo eu achei que era somente uma dificuldade básica em língua portuguesa, porque oralmente ela se sai super bem, em termos de participação, ela comenta, pergunta... mas em outros momentos, se desconcentra muito rápido, não registrava... e os erros de escrita?, nem se fala... o que pude fazer, foi depois de fazer a explicação para toda a sala, tenho sentado um pouquinho com ela e retomo a explicação, só que de forma

individual... mas ainda percebo que não é o suficiente... comecei a desenvolver algumas atividades diferenciadas para ela... dentro do assunto da aula... íamos conversando e depois ela registrava, ainda com muita dificuldade... eu vi que ela passou a melhor muito com esse “acompanhamento individualizado.

P2: Uma situação bem recente foi com o L. ele é muito hiperativo... não para quieto, conversa o tempo todo, perde a atenção muito fácil e também distrai os outros alunos, vive no mundo da lua... então eu comecei a colocar ele para trabalhar com outros colegas da sala... em dupla... percebi que com alguém ele se concentra mais, também está cometendo menos erros e termina quase todas as atividades... mas ainda assim, o seu desempenho ainda é bem abaixo dos outros colegas... mas seu eu sei que se não tivesse feito nada estaria bem pior... percebi que o comportamento dele também melhorou muito... e ele fica muito feliz quando consegue terminar a atividade, sempre dou uma estrelinha para ele, para motivar mais... sinto que aos pouquinhos estamos avançando.

P3: No meu caso, eu tenho o G., ele chegou para mim nesse ano com muita dificuldade em matemática... problemas com raciocínio lógico... ele também se perdia muito com os números, muita dificuldade, ele se embaralhava todo e tinha muita, mas muita dificuldade de concentração... não sei, parecia que alguma coisa atrapalhava ele, e pelo o que eu conversei com os outros professores, sempre foi mais na minha disciplina... então, depois que eu explico para ou outros, eu sento com ele ou chamo na minha mesa e vou explicando individualmente... também estou trabalho da forma mais concreta possível... trouxe alguns materiais diferentes para a sala, material dourado, alguns sólidos, geoplano...mas ainda tenho muita dificuldade com ele... é difícil para o professor ver que seu aluno precisa de uma atenção especial, e não saber como fazer... eu faço o que dá, mas nem sempre sei como fazer... é frustrante ver que você ensinar, mas nem todos os alunos aprendem.

P1: Uma outra forma de tentar fazer dar certo, é juntar aqueles que tem alguma dificuldade com um outro colega da turma, trabalho em dupla, em grupo fica mais difícil, pois não temos muito espaço e vira uma bagunça... fazer correção com todos os alunos juntos também tem ajudado bastante... é uma forma de perceber quem está conseguindo e quem não está entendendo.

P3: No começo eu confessor que tinha bastante receio... porque em outras experiencias propor trabalho em dupla ou em grupo sempre virou confusão... mas não teve jeito... principalmente com o G... tive que colocar ele com quem sabia mais um pouquinho, dá uma ajuda... percebi que dessa forma os alunos iam se ajudando... também acho que fica melhor quando trago alguma atividade diferenciada, para trabalhar aquela dificuldade dele, assim quando ele avançar, ele vai ter mais possibilidades... mas se a atividade é diferenciada, eu tenho que sentar junto.

P1: Nesse semestre estou focando mais na leitura e interpretação de texto... então para aqueles que tem mais dificuldade eu procuro simplificar o conteúdo, nas aulas costumo trazer uma diversidade maior de textos... alguns textos são mais grandes e outros mais curtos, as informações estão apresentadas de forma mais clara, isso facilita bastante, mas acabo tendo que explicar primeiro para aqueles que tem mais dificuldade e depois para o resto da sala... é cansativo e corrido, mas é a melhor forma... pelo menos que eu encontrei para fazer dar certo... só que eu sei que tem professor quem não quer nem saber, ensina o que tem que ensinar e quem não acompanha fica para trás... tudo isso exige tempo e vontade de ajudar o aluno.

P2: Eu também tenho trazido textos mais curtos... e para aqueles que tem mais dificuldade cobro geralmente que encontrem as informações mais explícitas, conforme vou vendo que estão entendendo vou aumentando o nível de dificuldade da atividade, acabo tendo duas pastas, com diferentes tipos de atividades, só que nas avaliações externas são cobrados os mesmos conteúdos, então não tem jeito, tenho que dar conta do currículo e das dificuldades dos alunos.

P3: Nas minhas aulas tenho encontrado muita dificuldade para fazer com que alguns alunos consigam abstrair alguns conceitos que são muito importantes. Essa semana comecei a retomar com eles alguns conceitos básicos de geometria espacial, mas já estou pesquisando alguns recursos, até mesmo para eles próprios construírem, porque já percebi que alguns estão com dificuldade e para trabalhar a área e o volume dos sólidos eu preciso trazer de forma mais concreta primeiro.

As estratégias descritas envolveram a adaptação curricular, o trabalho por pares, o planejamento e acompanhamento individualizado, a adequação de tempo e de linguagem e o

uso de diferentes materiais didático-pedagógicos, elaborados pelos próprios docentes. Em suma, de acordo com os professores, tais estratégias tiveram como objetivo minimizar as dificuldades que obstaculizavam o aprendizado dos alunos e oportunizar situações de aprendizagem adequadas às especificidades observadas no cotidiano escolar.

No entanto, a discussão trazida pelos docentes, nos levou a refletir sobre as condições de formação docente, ou a falta delas. Nessa perspectiva, é fundamental que desde o processo de formação inicial, o professor tenha acesso aos conhecimentos teóricos e práticos que envolvem as questões das dificuldades de aprendizagem no contexto escolar, preparando-os para lidarem com as mais diversas situações. Os trechos a seguir, resultantes dos grupos focais, apresentam o relato de alguns professores sobre as dúvidas e incertezas com relação as formas mais adequadas de avaliação e intervenção pedagógica diante das dificuldades de aprendizagem.

P1: Dificilmente algum aluno vem com o laudo... é muito difícil, e muitas vezes eu só consigo perceber quando os resultados das avaliações são baixos... na sala eu vou observando, a gente vê que tem aqueles que não interagem muito, fica quietinhos e tem aqueles que bagunçam, colocam a sala de cabeça para baixo... os mais agitados é mais fácil de perceber a dificuldade, porque geralmente não querem fazer nada... agora os mais quietinho, muitas vezes só consigo perceber a dificuldade na hora que vou corrigir as provas... então tem que observar muito, para poder ir trabalhando com esses alunos... mas é aquela coisa, é muito mais difícil porque na maioria dos casos, o aluno tem a dificuldade, e não chega para o professor, então é complicado avaliar isso... precisamos de mais instrumentos... o que eu faço é ver se o aluno está atingindo as expectativas, é meio que por comparação, e daí se ele não atinge, está muito para trás eu tento ajudar com outras atividades... mas é muito complicado, falta tempo para poder sentar com cada um, principalmente com que tem mais dificuldade... quando tem algum estagiário na sala eu acho muito bom, porque eu peço para ele sentar com aquele aluno, dá um alívio, então falta um apoio na sala.

P2: Com tantos alunos... como eu consigo planejar, dar aula e acompanhar um por um?... concordo com o P1, geralmente, quando o aluno não vai muito bem nas provas, é que liga aquela anteninha de que alguma coisa não está certa... o problema que a gente sabe que isso tem que ser percebido desde o início, mas como se quase nunca a gente sabe quem tem o que, e o que é... porque se o aluno não aprende ali, naquele momento, depois fica mais difícil para ele acompanhar... não acho que consigo fazer um diagnóstico precoce... preciso de mais informações sobre isso... às vezes eu paro e penso, fui formado para ensinar, mas como a gente trabalho o conteúdo, com tantas dificuldades?... tem um aluno na sala que é muito desatento, tenho que ficar chamando a atenção dele o tempo todo, parece que está no mundo da lua... se não sentar com ele, não faz nada... essa semana pedi para a família vir conversar comigo... a mãe disse que em casa ele é bem tranquilo, e que nunca pensou que ele pudesse ter algum problema, disse que vai levar no médico... então a gente percebe que muitas vezes nem a família sabe o que o aluno tem, e a gente que tem que saber?... o que eu tento é fazer o que eu posso, dentro das minhas condições... mas eu sei que estou precisando me atualizar... antes eram só as deficiências, agora tem muito mais dificuldade de aprendizagem.

P3: Eu tenho muito medo de fazer um diagnóstico errado... a minha avaliação é o resultado do aluno nas atividades e provas e a participação nas aulas... queria conseguir perceber os sinais, para conseguir fazer um trabalho mais voltado para aquelas dificuldades... mas fica muito difícil... tempo... principalmente, porque não fui formado para isso... eu não lembro de ter ouvido falar sobre isso na faculdade e são tantas avaliações, o professor é cobrado o tempo todo por apresentar resultados nas provas... mas e esses que tem tanta dificuldade?... a gente deixa para trás?... não dá para trabalhar só com quem aprende, com quem acompanha... mas a gente precisa de um apoio, porque fica difícil ver se todos estão aprendendo, planejar atividades para os que estão acompanhando e quem não está... são muitos alunos... tem que investir na formação do professor, porque se a gente não souber como fazer, como faz?... mas não dá para ficar

naquelas formações cheias de teoria, que é só perca de tempo... tem que ajudar o professor; com esses alunos que tem mais dificuldade... mostrar como a gente pode fazer, para ficar mais fácil... porque só cobrar e dizer que a gente não sabe, não resolve nada... e teoria só não ajuda, é o que as faculdades fazem... não preparam os professores para a realidade... para esses alunos.

Além disso, a falta de preparo dos docentes, e o sentimento de incapacidade compartilhado por eles, enfatizam a necessidade e a importância de um processo de formação continuada, que busque oferecer para os professores as condições necessárias para que consigam desenvolver uma prática pedagógica de qualidade e articulada às necessidades de aprendizagem dos estudantes.

Assim, a partir da escuta atenta aos docentes, os resultados dos grupos focais apontam que as escolas e as universidades necessitam promover espaços de formação que ofereçam aos professores as condições necessárias para que consigam desenvolver práticas pedagógicas que superem as dificuldades, valorizem as especificidades e estimulem as potencialidades dos estudantes, sobretudo daqueles que se encontram abaixo das expectativas de aprendizagem esperadas, na perspectiva da educação inclusiva.

Considerações finais

Em âmbito nacional, um grande número de estudantes apresenta durante o processo de escolarização algum tipo de transtorno ou dificuldade de aprendizagem. Assim, a partir dos pressupostos teóricos assumidos neste estudo e da perspectiva do grupo focal com os docentes participantes da pesquisa, constatamos que os professores não possuem muita clareza acerca das particularidades que envolvem os transtornos e as dificuldades de aprendizagem, principalmente, no que se refere a suas implicações no aprendizado escolar daqueles alunos que apresentam um rendimento escolar abaixo do esperado.

Sendo assim, a partir do estudo desenvolvido, tivemos a oportunidade de analisar a realidade escolar dos estudantes com transtornos e dificuldades de aprendizagem e a prática pedagógica dos docentes participantes da pesquisa e, de modo geral, constatamos que os docentes apresentam grande preocupação com relação ao seu processo de formação, inicial e continuada, expondo que não se sentem “preparados” e “bem formados” para ensinar alunos com transtornos ou dificuldade de aprendizagem.

No entanto, a partir do discurso dos professores, compreendemos que, mesmo argumentando falta de formação, em suas práticas pedagógicas, os docentes tem se mobilizado para atender às diferentes dificuldades de aprendizagem apresentadas por seus alunos. Em consideração a isso, nos grupos focais, os docentes descreveram algumas estratégias

facilitadoras que são adotadas para superar as dificuldades no aprendizado, como a adaptação curricular, o trabalho por pares, o planejamento e acompanhamento individualizado, a adequação de tempo e de linguagem e uso de diferentes materiais didático-pedagógicos.

A partir das reconfigurações teóricas e práticas que chegam até o ambiente escolar, o professor passa a encontrar em seu contexto de atuação, diferentes desafios que envolvem mudanças na concepção das práticas excludentes para adoção de práticas pedagógicas inclusivas.

Nesse sentido, o processo educativo comprometido com a Educação Inclusiva, deve assegurar a eliminação de qualquer tipo de barreira, seja ela arquitetônica, atitudinal ou educacional, e primar por abordagens e estratégias de ensino e aprendizagem de acordo com as especificidades dos estudantes.

Nesse contexto, a educação inclusiva, ainda hoje, se constitui como um dos maiores desafios pedagógicos, principalmente para docentes que atuam na sala de aula comum, e que, não possuem nenhum tipo de formação com ênfase nos Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem. E é dever de todos, oportunizar a estes estudantes a participação plena, a aprendizagem, a superação das dificuldades e o desenvolvimento de todas as suas potencialidades.

Agradecimentos

O presente artigo foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por apoiar esta pesquisa dos autores Elisa Tomoe Moriya Schlünzen e Klaus Schlünzen Junior, por meio de bolsa de produtividade em pesquisa (PQ).

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**: DSM – V. 5ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em <https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>. Acesso em 24 mar. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. Decreto nº 3.956, de 8 de outubro de 2001. **Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência**. Guatemala, 2001a.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Brasília: Senado Federal, 1996.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 3ª ed. Campinas/SP: Autores Associados. 1998. (Coleção Educação Contemporânea). 120 p.

GARCIA, C. S. **Transtornos e dificuldades de aprendizagem no contexto escolar**: um olhar sobre a prática pedagógica. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GLAT, R. & BLANCO, L. de M. V. Educação Especial no contexto de uma Educação Inclusiva. In: GLAT, R. (org.). **Educação Inclusiva**: cultura e cotidiano escolar. 14 (Coleção Questões atuais em Educação Especial, v. VI), Editora Sete Letras, p. 15-35, Rio de Janeiro, 2007.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Editora Moderna, 2006.

MANTOAN, M. T. E. O direito de ser, sendo diferente, na escola. **Revista CEJ**, v. 8, nº 26, jul/set 2004.

MEDDA, M. G. **Resposta à Intervenção como Estratégia Diagnóstica para Dislexia**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, 2020.

PINI, Wanessa Cavaglieri Santos. **Dislexia e a formação de docentes**: elaboração de um curso à distância para professores do ensino regular. 2019. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Faculdade de Odontologia de Bauru, Universidade de São Paulo, Bauru, 2019.

POWELL, R. A.; SINGLE, H. M. Focus groups. *Internacional Journal of Qualit in Health Care*, v. 8, n. 5, p. 499-504, 1996 *apud* GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo Focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

REGO, Marise Brito do. **Medicalização da vida escolar**: cartografia de práticas implicadas na produção do fracasso escolar e do "aluno-problema". 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará (UFC), Centro de Humanidades, Fortaleza, 2017.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSAL, Angélica Galindo Carneiro. **Modelo de resposta à intervenção para a identificação precoce dos transtornos de aprendizagem em escolares no ciclo de alfabetização**. 2018. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e do Adolescente) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências da Saúde, Recife, 2018.

SANTOS, I. H. F. **Bullying e dislexia**: um estudo a partir do preconceito nas escolas públicas. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

STAINBACK S.; STAINBACK W. **Inclusão**: Um guia para Educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.

STRAUSS, A. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

YAMAURA, Luciana Parisi Martins. **Ensino de leitura via CRMTS para crianças com dislexia e com risco de dislexia**. 2019. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Londrina, 2019.

Submissão: 27/03/2024. Aprovação: 18/04/2024. Publicação: 18/04/2024